

Coerções do trabalho e da cabeça

KAMPER, Dietmar. **O trabalho como vida.**
São Paulo: Annablume, 1998.



José Eugenio de Oliveira Menezes

Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP
Docente pesquisador da Faculdade Cásper Líbero
Membro do CISC - Centro Interdisciplinar de
Semiótica da Cultura e da Mídia.
jemenezes@uol.com.br

O trabalho, tal como erva daninha, está tomando conta de nossa vida. Decifrar os motivos desse fato e buscar possíveis saídas são as questões abordadas por Dietmar Kamper (1928-2001), do Centro de Antropologia Histórica da Universidade Livre de Berlim, em **O Trabalho como Vida**. A obra, organizada por Cleide R. Campello a partir de um curso ministrado pelo autor para pesquisadores brasileiros em 1996, parte da constatação que “o trabalho apresenta uma tendência a ser desmedido” e a vida apresenta uma “tendência para se transformar em alguma coisa desamparada, em algo que carece de vida”.

O trabalho, ao adquirir o caráter de um mecanismo de compulsão e coação, acabou se transformando na única forma pela qual se avalia a atividade humana, como já denunciou Hannah Arendt na obra *Vida Ativa* (1958). Kamper relembra a pensadora alemã para observar outras modalidades de existência do homem, tais como a atividade lúdica, o

ócio, o amor e o culto. O autor se propõe a observar como essas atividades funcionam na guerra contra a tendência do trabalho em desrespeitar os limites e tomar conta das nossas vidas.

Utilizando ferramentas da antropologia histórica, Dietmar Kamper, que antes de atuar como filósofo e sociólogo também foi professor de educação física e dança, observa que tanto na tradição grega como na judaica e cristã os homens foram condenados a trabalhar sob duras penas e a ganhar o pão com o suor de seus rostos. A partir de Lutero o trabalho foi considerado uma “culpa feliz”, uma bem-aventurança, e recentemente, especialmente na leitura marxista, passou a ser a atividade pela qual os homens produzem a si mesmos e transformam o mundo. Essa inversão da concepção de trabalho, que deixou de ser uma pena para se transformar em bem-aventurança, fez com que o corpo humano se tornasse a “verdadeira vítima desse processo histórico”, fosse rigorosamente submetido à autodisciplina.

Ao analisar a relação entre trabalho e jogo, observa que o pesquisador holandês Johan Huizinga, na obra *Homo Ludens – o jogo como elemento da cultura* (São Paulo: Perspectiva, 1990), demonstrou que a cultura tinha suas raízes no jogo e não no trabalho, como afirma a tese mais difundida. Dialogando também com a pesquisa etnológica, Kamper lembra que para as culturas ágrafas, que não dispunham da memória artificial escrita, o jogo era uma possibilidade de rememorar as origens do mundo. O jogo, tal como o culto, é uma estratégia para se romper com a “tendência imanente do trabalho a romper barreiras, a invadir todos os espaços da nossa vida”.

Num mundo marcado pela aceleração e pela avaliação da produtividade, Kamper lembra uma frase bastante citada por Theodor Adorno: “a vida não vive”. Essa afirmação, atribuída ao imigrante alemão Ferdinand Kürnberger, que não se adaptou à aceleração da vida nos Estados Unidos e retornou ao andamento lento da Europa do século XIX, seria uma “resposta a essa sensação de estupefação, de confusão, de desorientação que toma conta das pessoas quando elas notam que o trabalho está se expandindo cada vez mais”.

Ao analisar as relações entre trabalho e amor Kamper também dialoga com Rainer Maria Rilke, o poeta que criticou a Igreja e o Estado por avaliar que essas instituições procuram “descolar o homem de suas inserções na vida terrena, no prazer, na sexualidade e que prometem, em troca, um duvidoso além”. Kamper constata que no momento da história européia no qual a sociedade estava se preparando para dar mais um passo no caminho da abstração, tanto no trabalho como no amor, Rilke “resolveu protestar contra essa tendência histórica, apresentando uma proposta de como integrar o amor e a vida de uma forma nova”.

Em meio às novas coerções e ausências de liberdade, o autor propõe que devemos dar ao trabalho uma função mais restrita em nossas vidas.

Após a morte de Kamper, em 18 de outubro de 2001, sua companheira, a pesquisadora Birke Mersmann escreveu, aos pesquisadores do CISC - Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia, uma mensagem intitulada “Viagem ao Ocidente”.

Nela lembrou quantas vezes o pesquisador alemão, nas últimas semanas de vida, voltou seu olhar em direção ao Ocidente, que passando pela França chega ao Brasil, motivo de suas reflexões nos últimos anos.

Kamper também pesquisou e escreveu a respeito da “ocidentalização” contemporânea que tem São Paulo como parâmetro e não mais a Califórnia, como se acreditava nos anos 60. Em *Horizontwechsel* (Mudança de Horizonte), seu último livro, publicado em 2001, encontramos um capítulo intitulado “Sombras e contradições. Manifesto para São Paulo”, no qual escreve, conforme tradução de Norval Baitello:

“Visto com exatidão, tornou-se completamente sem sentido manifestar opiniões nas molduras estabelecidas dos meios de comunicação. Todas as opiniões, especialmente as contraditórias, deságuam na mesma coisa: nas tautologias que, como lixo lingüístico, entopem as últimas lacunas do mundo homogeneizado. Apenas quando se começar a contradizer a si próprio é que se pode prosseguir. Tem-se que aprender a pensar contra o pensamento e a direcionar as afirmações contra si mesmo, para que ampliem a fenda que se abre há muito através do sujeito humano. Apenas paradoxos alcançam aproximativamente esta situação. A tentativa de tornar o mundo unívoco pelos signos era e é uma maneira de destruição do mundo”.

No Brasil outros textos de Dietmar Kamper podem ser encontrados tanto no *site* do **FiloCom** - Núcleo de Estudos Filosóficos da Comunicação (www.eca.usp.br/nucleos/filocom) como na Revista Digital **Ghrebh** - (www.cisc.org.br/ghrebh).

O livro **O Trabalho como Vida** e seus trabalhos publicados na Alemanha são textos marcados pela inquietação, pela poesia e pela leitura nada convencional da realidade. Em contato com sua obra somos desafiados a pensar na citação de George Bataille com a qual Kamper encerra **O Trabalho como Vida**: “O homem deverá se libertar da sua cabeça, assim como o prisioneiro se liberta da prisão”.

Libertando-nos da cabeça que nos pressiona com a lógica do útil e do mensurável, que obriga a medir continuamente nossas vidas como produtivas ou improdutivas, inclusive nas avaliações acadêmicas, talvez um dia aprenderemos a apresentar nossos amigos como pessoas que amam, jogam, brincam ou descansam. E não apenas como profissionais que trabalham em determinadas empresas.